

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

FEVEREIRO DE 1860

Nº 2

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 30 de dezembro.

A Sociedade decide que em cada sessão particular, em seguida à leitura da ata, seja lida a lista nominal dos ouvintes que assistiram à sessão geral precedente, com indicação dos membros que os apresentaram, e que um aviso seja feito para assinalar os inconvenientes causados pela presença de pessoas estranhas à Sociedade. Em consequência, foi lida uma lista dos ouvintes à última sessão.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e após informação verbal:

1º – O Sr. Forbes, oficial de engenharia, apresentado a 16 de dezembro. – 2º A Sra. Forbes, nascida Condessa Passerini Corretesi, de Florença, apresentada a 23 de dezembro. – 3º O Sr. Soive, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro. 4º – O Sr. Demange, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro.

Leitura de três novas cartas de pedidos de admissão. Relatório e decisão adiados para o dia 6 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Brion Dorgeval, contendo a resposta dirigida ao Sr. Oscar Commetant, a respeito do artigo deste último, publicado no *Siècle*. (Vide o número de janeiro).

2º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, com observações judiciosas sobre o estado moral dos Espíritos. Ele lamenta que os partidários do Espiritismo sejam freqüentemente designados por suas iniciais. Pensa que indicações mais explícitas contribuiriam para o progresso da ciência, convidando, em conseqüência, todos os adeptos a assinarem o nome, como ele mesmo o faz. (Vide o número de janeiro).

Esta última observação do Sr. Jobard é fortemente apoiada por grande número de membros que autorizam pôr seus nomes em todas as atas que lhes possam dizer respeito.

O Sr. Allan Kardec observa que o medo do *que dirão* diminui a cada dia, e que hoje há poucas pessoas que temem confessar suas opiniões acerca do Espiritismo. Os epítetos de mau gosto, dados a seus partidários, tornam-se ridículos lugares-comuns, dos quais se riem, quando se vê tanta gente da elite ligar-se à doutrina, porque é entrevisto o momento em que a força da opinião imporá silêncio aos sarcasmos. Mas uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade. Entre as pessoas que mais energicamente sustentam a causa do Espiritismo, muitas há que não gostariam de ser postas em evidência, por estas e outras coisas. Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados. Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas

que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestadas pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos muito legítimos para não se fazerem notados.

Estudos:

1^o Perguntas dirigidas a São Luís sobre os Espíritos que presidem às flores, a propósito da comunicação obtida pela Sra. de B... Uma explicação muito interessante foi dada a esse respeito. (Será publicada).

2^o Outras perguntas sobre o espírito dos animais.

3^o Duas comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, do Espírito de Verdade, pelo Sr. Roze, com alguns conselhos à Sociedade; a segunda, de Fénelon, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 6 de janeiro – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 30 de dezembro.

São admitidos como membros titulares, por pedido escrito, depois de relatório verbal: 1^o O Sr. Ducastel, proprietário em Abbeville, apresentado a 30 de dezembro; 2^o A Sra. Deslandes, de Paris, apresentada a 30 de dezembro; 3^o A Sra. Rakowska, de Paris, apresentada a 30 de dezembro.

Leitura de uma carta de pedido de admissão.

Carta do Sr. Poinson, de Paris, felicitando a Sociedade pela passagem do Ano-Novo e fazendo votos pela propagação do Espiritismo.

Carta do Sr. Demange, recentemente recebida, agradecendo a sua admissão. Assegura à Sociedade sua cooperação ativa.

Exame de várias questões relativas aos negócios administrativos da Sociedade.

Comunicações diversas:

1º Notícia sobre D. Péra, prior de Armilly, falecido há 30 anos. Será feito um estudo a respeito.

2º Carta do Sr. Lussiez, de Troyes, contendo reflexões muito judiciosas relativas à influência moralizadora do Espiritismo sobre as classes operárias.

3º Carta da Sra. P..., de Rouen, anunciando ter recebido, como médium, notáveis comunicações, em tudo conforme à doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*. Além disso, a carta contém reflexões que denotam, da parte da autora, uma apreciação muito justa das idéias espíritas.

4º Carta relativa à Srta. Désirée Godu, médium curadora, de Hannebon. Sabe-se que, da parte da Srta. Godu, é uma obra de devotamento e de pura filantropia.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís, como esclarecimento e desenvolvimento de várias comunicações anteriores.

2º A Srta. Dubois, médium, membro da Sociedade, tendo recebido uma comunicação de um Espírito que se diz Chateaubriand, deseja esclarecimentos a respeito. Outro Espírito se apresenta com seu nome, mas recusa identificar-se em nome de Deus. Confessa sua fraude, pede desculpas e dá curiosas indicações

sobre sua pessoa. A seguir, o verdadeiro Chateaubriand dá uma curta comunicação espontânea, prometendo, oportunamente, outra mais explícita.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata de 6 de janeiro.

Leitura de três novos pedidos de admissão. Exame e relatório adiados para a sessão de 20 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Maurice, de Teil, Ardèche, relatando fatos extraordinários que ocorreram numa casa de Fons, perto de Aubenas e que, sob certos aspectos, lembra os que se passaram em Java.

2º Carta do Sr. Albert Ferdinand, de Béziers, contendo três fatos notáveis, que lhe são pessoais, provando a ação *física* que os Espíritos podem exercer sobre certos médiuns.

3º Carta do Sr. Crozet, do Havre, médium correspondente da Sociedade, dando conta de uma comunicação recebida conjuntamente com o Sr. Sprenger, da parte de um Espírito *brincalhão*. Trata-se do Espírito de um capitão da Marinha, morto em Marselha há seis meses, explicando com precisão e lucidez notáveis as cartadas do jogo de “bésigue” e a maneira pela qual faz os parceiros perder ou ganhar. (Será publicada).

4º *Um Espírito dançarino* – O Sr. e a Sra. Netz, membros da Sociedade, desde algum tempo recebem comunicações de um Espírito que se manifesta dançando constantemente, isto é, fazendo dançar uma mesa, que marca o ritmo perfeitamente reconhecido de uma polca, de uma mazurca, de uma quadrilha, de uma valsa em dois ou três tempos, etc. Jamais quis escrever e não

responde senão por batidas. Por esse meio chegou a dizer que era peruano, de raça indígena, morto há cinqüenta e seis anos, com 35 anos de idade; que em vida gostava muito de aguardente e que atualmente freqüenta os bailes públicos, onde sente muito prazer. Apresenta a particularidade de jamais chegar antes das dez horas da noite e em certos dias. Diz que vem para a Sra. Netz, mas só se comunica através do concurso do Sr. D..., médium de efeitos físicos, de sorte que necessita da presença de ambos. Assim, o Sr. D... jamais conseguiu que ele viesse à sua casa e a Sra. Netz não poderá recebê-lo se estiver sozinha.

5º Leitura de uma comunicação espontânea, enviada pelo Sr. Rabache, de Bordeaux, em continuação às que foram publicadas sob o título de *Conselhos de Família*.

6º A Sra. Forbes procede à leitura de três comunicações espontâneas, obtidas por seu marido, sobre o amor filial, o amor paterno e a paciência. Notáveis por sua elevada moralidade e simplicidade de linguagem, essas comunicações podem ser classificadas na categoria dos conselhos íntimos.

Estudos:

1º Evocação do Espírito de Castelnauary, já evocado a 9 de dezembro. (Vide a relação completa, sob o título de *História de um danado*).

2º Evocação do Espírito dançarino. Não quer escrever, mas bate o ritmo de várias danças com o lápis e agita o braço do médium cadencialmente. São Luís dá algumas explicações sobre o seu caráter e confirma as informações precedentes.

3º Perguntas sobre as manifestações de Fons, perto de Aubenas. É respondido que há algo de verdadeiro nesses fatos, mas que não devem ser aceitos sem controle e, sobretudo, que devemos nos manter em guarda contra o exagero.

4º Evocação de D. Péra, prior de Armilly. Fornece importantes detalhes sobre sua situação e seu caráter.

5º Duas comunicações espontâneas são obtidas: a primeira, pelo Sr. Roze, de um Espírito que se designa sob o nome de Estelle Riquier, e que havia levado uma vida desordenada e faltado a todos os seus deveres de esposa e de mãe; a segunda, pelo Sr. Forbes, contendo conselhos sobre a cólera.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata de 13 de janeiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito, e após relatório verbal:

1º O Sr. M. Krafzoff, de São Petersburgo, apresentado a 13 de janeiro; 2º O Sr. Julien, de Belfort (Haut-Rhin), apresentado a 13 de janeiro; 3º O Sr. conde Alexandre Stenbock Fermor, de São Petersburgo, apresentado a 6 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação espontânea, recebida pelo Sr. Pécheur, membro da Sociedade.

2º Novos detalhes sobre o Espírito dançarino. A Sra. Netz, que é médium escrevente, havendo interrogado outro Espírito a esse respeito, obteve várias informações por sua conta, entre outras a de que era bastante rico quando vivo; de que morreu em um acidente de caça, num momento em que se achava completamente só. Tendo mais tarde interrogado o próprio dançarino sobre esses fatos, com o auxílio de seu médium, por meio de batidas, obteve respostas idênticas. Ora, a Sra. Netz não havia comunicado ao médium as primeiras respostas escritas. Por outro lado, já não era ela que servia de médium e, além disso, tinha

formulado perguntas insidiosas que podiam levar a respostas contrárias. Havia, pois, de uma e de outra parte, independência de pensamento e a correlação das respostas é um fato característico.

Outro fato igualmente curioso é que seu médium predileto para a dança, um dia, ao sair de casa, foi tomado de movimentos involuntários que o faziam andar em cadência pela rua. Por sua vontade e se endireitando, podia parar esse movimento; mas desde que se abandonava a si mesmo, suas pernas retomavam o modo de andar do dançarino. Nada havia de ostensivo para despertar a atenção dos transeuntes. Mas, por isso mesmo, compreende-se que Espíritos de outra ordem e mais mal-intencionados que o dançarino que, afinal de contas, não quer senão se divertir, possam provocar sobre certas organizações movimentos mais violentos e da natureza dos que se vêem entre os convulsionários em crise.

3º Relato de um fato de comunicação espontânea do Espírito de uma pessoa viva, feito pelo Sr. de G..., médium escrevente, e que lhe é pessoal. Este Espírito entrou em detalhes circunstanciados completamente ignorados do médium, cuja exatidão foi verificada. O Sr. de G... não conhece essa pessoa senão de vista, uma única vez, numa visita, não mais o tendo encontrado depois. Sabia apenas seu nome de família. Ora, o Espírito assinou ao mesmo tempo o seu nome de batismo, que era exatamente o seu. Essa circunstância, aliada a outras indicações de tempo e lugar, fornecidas pelo Espírito, é uma prova evidente de identidade.

O Sr. conde de R... observa a respeito que esses tipos de comunicações por vezes podem ser indiscretos e pergunta se a pessoa em questão teria ficado satisfeita se tomasse conhecimento da conversa.

A isto foi respondido que: 1º – se a pessoa se comunicou é porque o quis, como Espírito, desde que veio por

vontade própria, considerando-se que o Sr. G..., não pensando nela, não a tinha chamado; 2^o – desprendido do corpo, o Espírito sempre tem o livre-arbítrio, não dizendo senão o que quer; 3^o – nesse estado, o Espírito é mesmo mais prudente do que em estado normal, porque melhor aprecia o alcance das coisas. Se esse Espírito tivesse visto um inconveniente qualquer em suas palavras, não as teria dito.

4^o Leitura de uma comunicação de Lyon, dirigida à Sociedade, na qual, entre outras coisas, é dito:

“Que a reforma da Humanidade se prepara pela encarnação na Terra de Espíritos melhores, que constituirão uma nova geração, dominada pelo amor do bem; que os homens votados ao mal e que fecham os olhos à luz reencarnarão numa nova falange de Espíritos simples e ignorantes, enviados por Deus para trabalhar na formação de um globo inferior à Terra. Só poderão encontrar-se com seus irmãos terrenos depois que houverem, através de rudes trabalhos, alcançado o nível onde estes últimos vão entrar, após esta geração, pois não será permitido aos Espíritos maus assistir ao começo desta brilhante transformação.”

O Sr. Theubet observa que esta comunicação parece consagrar o princípio de uma marcha retrógrada, contrariando tudo quanto nos foi ensinado.

Trava-se uma longa e profunda discussão a respeito, que assim se resume: O Espírito pode decair como posição, mas não em relação às aptidões adquiridas. Por princípio da não retrogradação deve entender-se o progresso intelectual e moral, isto é, o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade e não volta ao estado de infância espiritual. Em outras palavras, não se torna mais ignorante nem pior do que era, o que não o impede de reencarnar-se numa posição inferior mais penosa e entre outros Espíritos mais ignorantes do que ele, se o mereceu.

Um Espírito muito atrasado que reencarnasse num povo civilizado, aí estaria deslocado e não poderia sustentar a sua posição; voltando aos selvagens em nova existência, apenas retomará o lugar que havia deixado cedo demais; mas as idéias que houver adquirido durante sua estada entre os homens mais esclarecidos não serão perdidas. Deve se dar o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em consonância com seu estado moral.

Estudos:

1º Evocação do negro do navio *Constant*, já evocado a 30 de setembro de 1859. Ele dá novas explicações sobre as circunstâncias que acompanharam a sua morte.

Três comunicações espontâneas: a primeira, de Chateaubriand, pelo Sr. Roze; a segunda, de Platão, pelo Sr. Colin; a terceira, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, em continuação ao trabalho por ele começado sobre a natureza dos animais.

Os Espíritos Glóbulos⁴

A vontade de ver os Espíritos é coisa muito natural e conhecemos poucas pessoas que não desejariam fruir dessa faculdade. Infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando permanente. As aparições espontâneas são bastante freqüentes, mas acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada nas relações que podem ter existido entre o vidente e o Espírito que lhe aparece. Uma coisa é ver fortuitamente um Espírito; outra é vê-lo habitualmente e nas condições normais ordinárias. Ora, é aí que está o que constitui, a bem dizer, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma

4 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VI – item 108.

aptidão especial, cuja causa ainda é desconhecida e que pode desenvolver-se, mas que em vão seria provocada se não existisse a predisposição natural. É necessário, pois, que nos acatelemos contra as ilusões que podem nascer do desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Tanto combatemos as teorias temerárias pelas quais são atacadas as manifestações, sobretudo quando essas teorias denotam a ignorância dos fatos, quanto devemos procurar, no interesse da verdade, destruir idéias que provam mais entusiasmo que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem, levando ao ridículo.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida. Desenvolvemo-la em vários artigos, especialmente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859, e no nosso *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo Experimental*⁵. Portanto, não a repetiremos aqui; lembraremos apenas alguns pontos essenciais, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem ser vistos sob diferentes aspectos; o mais freqüente é a forma humana. Sua aparição geralmente ocorre sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio quase sempre é uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as linhas são mais acentuadas e os menores traços da fisionomia são desenhados com tal precisão que permite dar-lhes descrição mais exata. Nesses momentos, certamente um pintor poderia fazer o seu retrato com tanta facilidade quanto faria o de uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que tinha o Espírito quando encarnado. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, ele se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível. Assim, embora como Espírito não mais tenha nenhuma das enfermidades corpóreas que pudesse ter experimentado como homem, mostrar-se-á estropiado, coxo ou corcunda, se o julga conveniente para atestar a sua identidade.

5 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo VI: *Manifestações visuais*.

Quanto às vestes, compõem-se geralmente de um amontoado de pano, terminando em longa túnica flutuante; é, pelo menos, a aparência dos Espíritos superiores, que nada conservaram das coisas terrestres. Os Espíritos vulgares, porém, os que aqui conhecemos, quase sempre aparecem com os trajos que usavam no último período de sua vida.

Freqüentemente, os Espíritos mostram atributos característicos da posição que ocuparam. Os superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se refletem as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitavam. Algumas vezes ainda revelam os vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram.

Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco e os braços são sempre claramente desenhados.

Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso, malgrado sua nitidez. Em certos casos, poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem estanho, o que não impede se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as vêem ir e vir, entrar, sair, andar por entre os vivos com ares – pelo menos se se trata de Espíritos comuns – de participarem ativamente de tudo quanto se passa em derredor deles, de se interessarem segundo o assunto, de ouvirem o que dizem os humanos. Com freqüência são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar idéias, a influenciá-las, a consolá-las, a se mostrar tristes ou contentes conforme o resultado que obtenham. Numa palavra: constituem como que a réplica ou o reflexo do mundo corpóreo, com suas paixões, vícios ou virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material dificilmente nos permite compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os

espaços, que nos cerca, dentro do qual vivemos sem o perceber, como vivemos em meio às miríades de seres do mundo microscópico.

Mas pode acontecer que o Espírito revista uma forma ainda mais precisa e tome todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, possível se torna ao observador tocar, apalpar o corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, apesar de poder se desvanecer com a rapidez do relâmpago. Embora a aparição desses seres, designados pelo nome de *agêneres*, seja muito rara, é sempre acidental e de curta duração e, sob essa forma, não poderiam tornar-se os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que, entre as faculdades excepcionais de que o Sr. Home deu provas irrecusáveis, deve-se colocar a de fazer aparecerem mãos tangíveis, que podem ser apalçadas e que, por seu lado, podem pegar, apertar e deixar marcas na pele. As aparições tangíveis, dizemos, são bastante raras, mas as que ocorreram nestes últimos tempos confirmam e explicam as que a História registra, a respeito de pessoas que se mostraram depois de mortas com todas as aparências da natureza corporal. Aliás, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo o caráter de maravilhoso, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

Quando os Espíritos revestem a forma humana, não poderemos nos enganar. Já o mesmo não acontece quando tomam outras aparências. Não falaremos de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, que alimentaram a superstição das pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais até homens esclarecidos puderam enganar-se. É aí, sobretudo, que nos

devemos pôr em guarda contra a ilusão, para não nos expormos a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

Nem sempre o ar é perfeitamente límpido; há circunstâncias em que a agitação e as correntes de moléculas aeriformes, produzidas pelo calor, são perfeitamente visíveis. A aglomeração dessas partículas forma pequenas massas transparentes que parecem nadar no espaço e que deram lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está no próprio ar, mas também pode estar no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis, que hão perdido alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos semi-opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos e ondulações eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, por vezes irisados, variando de 1 a 10 milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares, que as seguiam e acompanhavam a toda parte e, em seu entusiasmo, verem figuras nos matizes da irisação. Uma simples observação, fornecida por essas pessoas, reconduzi-las-ão ao terreno da realidade.

Os aludidos discos, ou medalhões, dizem elas, não só as acompanham, como lhes seguem todos os movimentos, vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Esta coincidência, por si só, prova que a sede da aparência está em nós, e não fora de nós, e o que o demonstra, além disso, é que, em seus movimentos ondulatórios, jamais esses discos se afastam de um certo ângulo; como, porém, não seguem bruscamente o movimento da linha visual, parecem ter certa independência. A causa desse efeito é bem simples. Os pontos opacos ou semi-opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, são, já dissemos, mantidos em suspensão, mas tendendo sempre a descer. Quando sobem, é que foram solicitados pelo movimento dos olhos, de baixo para cima;

chegados a certa altura, se o olho se torna fixo, nota-se que os discos descem lentamente, depois param. Sua mobilidade é extrema, porquanto basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los percorrer no raio visual toda a amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde se projeta a imagem.

O mesmo diremos das centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração do músculo do olho, e são devidas, provavelmente, à fosforescência ou à eletricidade natural da íris, porque geralmente adstritas à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões não podem provir senão de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, teríamos de convir que estariam reduzidos a um papel puramente mecânico para seres inteligentes e livres, papel sofrivelmente fastidioso para os Espíritos inferiores e, com mais forte razão, incompatível com a idéia que fazemos dos Espíritos superiores.

Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não ficar provado que as imagens de que acabamos de falar, ainda que assumindo a forma humana, têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando uma vontade livre, nisso não veremos senão fenômenos fisiológicos ou ópticos. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que milhares de causas físicas podem produzir. Repetimos: enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é preciso olhá-lo duas vezes antes de o atribuir aos Espíritos.

Médiuns Especiais

A experiência prova diariamente quanto são numerosas as variedades da faculdade mediúnica, mas também nos prova que os diversos matizes dessa faculdade são devidos a aptidões especiais ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas, considerando-se o mesmo mérito, do ponto de vista hierárquico, nele há, incontestavelmente, uma propensão para ocupar-se de uma coisa, em vez de outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, quase não saem das manifestações físicas. Entre os que dão manifestações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos de Espíritos de uma ordem média, porquanto, chegados a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há também a do médium que, para o primeiro, é um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: Um músico muito hábil tem em mãos vários violinos; para o vulgo, são todos bons, mas entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença. Capta matizes de extrema delicadeza, que o levam a escolher uns e rejeitar outros, matizes que compreende por intuição, mas que é incapaz de definir. O mesmo se dá em relação aos médiuns: para idênticas qualidades na força mediúnica, o Espírito dará preferência a este ou àquele, conforme o gênero de comunicação que queira dar. Assim, por exemplo, vemos pessoas que escrevem, como médiuns, poesias admiráveis, embora em condições ordinárias jamais tenham conseguido fazer um verso; outros, ao contrário, são poetas, mas,

como médiuns, só escrevem prosa, apesar de seu desejo. O mesmo se dá com o desenho, a música, etc. Também há os que, sem conhecimentos científicos próprios, têm uma aptidão toda particular para receber comunicações científicas; outros, para estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas. Numa palavra, seja qual for a flexibilidade do médium, as comunicações que recebe com mais facilidade têm geralmente um sinete especial. Alguns, até, não saem de um certo círculo de idéias e, quando dele se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e freqüentemente falsas. Excetuando-se as causas de aptidão, os Espíritos ainda se comunicam, com maior ou menor boa vontade, por tal ou qual intermediário, conforme as suas simpatias. Assim, considerando-se a mesma igualdade de aptidões, o mesmo Espírito será muito mais explícito através de certos médiuns, pelo simples fato de que esses lhes convêm melhor.

Portanto, incorreríamos em erro se, pelo simples fato de termos um bom médium à mão, que escrevesse com facilidade, pudéssemos, por seu intermédio, obter boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição para obter-se boas comunicações é, sem contradita, assegurar-se da fonte de onde emanam, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos importante levar em conta as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito. É necessário, pois, estudar a natureza do médium, como se estuda a do Espírito, pois aí estão os dois elementos essenciais para se obter resultados satisfatórios. Há um terceiro que desempenha um papel igualmente importante: a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga; e isto se concebe. Para que uma comunicação seja boa, é preciso que emane de um Espírito bom; para que esse Espírito bom *possa* transmiti-la, é necessário um bom instrumento; para que a *queira* transmitir, é preciso que o objetivo lhe convenha. Lendo o pensamento, o Espírito julga se a pergunta que lhe é feita merece uma resposta séria e se a pessoa que a dirige

é digna de recebê-la. Caso contrário, não perde o tempo em semear bons grãos em terra imprópria; e é então que os Espíritos levianos e zombadores aproveitam o campo, deixado livre, porquanto, pouco se importando com a verdade, não hesitam em fazê-lo, e geralmente são muito pouco escrupulosos quanto aos fins e aos meios.

De acordo com o que acabamos de dizer, compreende-se que deve haver Espíritos, por gosto ou pela razão, mais especialmente ocupados com o alívio da humanidade sofredora; que, paralelamente, deve haver médiuns mais aptos que outros a lhes servirem de intermediários. Ora, como esses Espíritos agem exclusivamente com vistas ao bem, devem procurar em seus intérpretes, além da aptidão que poderia ser chamada fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram, em primeira linha, o *devotamento* e o *desinteresse*. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsa para os Espíritos bons e uma causa de atração para os outros. É admissível possa o bom-senso aceitar que os Espíritos superiores se prestem a todas as combinações de interesse material e que estejam às ordens do primeiro que aparecer, pretendendo explorá-los? Os Espíritos, *sejam quais forem*, não querem ser explorados; e, se alguns parecem estar de acordo, se mesmo se adiantam a certos desejos demasiado mundanos, quase sempre têm em vista uma mistificação, de que se riem depois, como de uma boa peça pregada a gente muito crédula. Ademais, talvez não seja inútil que alguns queimem os dedos, a fim de aprenderem que não se deve brincar com coisas sérias.

Seria o caso de falarmos aqui de um desses médiuns *privilegiados*, que os Espíritos curadores parece haverem tomado sob seu patrocínio direto. A Srta. *Désirée Godu*, que reside em Hennebon (Morbihan), goza, a este respeito, de uma faculdade verdadeiramente excepcional, que utiliza com a mais piedosa abnegação. Sobre isto já dissemos algumas palavras num relatório

das sessões da Sociedade, mas a importância do assunto merece um artigo especial, que teremos a satisfação de lhe consagrar em nosso próximo número. À parte o interesse que se liga ao estudo de toda faculdade rara, sempre consideramos como um dever dar a conhecer o bem e fazer justiça a quem o pratica.

Bibliografia

Condessa Mathilde de Canossa

Tal é o título de um romance legendário, publicado em 1858, em Roma, pelo R. P. *Bresciani*, da Companhia de Jesus⁶ autor do *Judeu de Verona*. O assunto da obra é a História, no gênero de Walter Scott, da antiga família de Canossa. Foi por isso que o autor a dedicou ao atual descendente dessa ilustre família, o Marquês Otávio de Canossa, podestade de Verona e camareiro de S. M. o Imperador da Áustria. A ação se passa na Idade Média; os feiticeiros e os magos nela representam um grande papel, e as cenas demoníacas são descritas com uma precisão que faria inveja ao romancista escocês. O autor nos parece menos feliz em sua apreciação dos fenômenos espíritas modernos, das mesas falantes, do magnetismo, do sonambulismo. Ora, eis o que a respeito lemos no capítulo X, página 170:

“Vários de meus leitores – e talvez não sejam em menor número – poderiam admirar-se de ver expostos, nos capítulos precedentes, todo esse aparato de diabruras, de exorcismos, de sortilégios, de alucinações, de irrupções fantásticas, que não ficaria mal nas histórias de serão e nos contos das amas-de-leite. Em nossos dias, quem acredita ainda em necromantes, em feiticeiros, em encantamentos, em fascínio, em filtros, no comércio com o diabo? Desejaríeis reconduzir-nos aos contos azuis de Martin del

⁶ Um vol. in-8, traduzido do italiano. J.-B. Pélagaud et Cie, rue des Saints-Pères, 57, Paris. Preço 3 fr. 50.

Rio⁷, às ingênuas superstições do povo e das comadres de esquina, por lendas que eriçam a pele das camponesas bochechudas, que têm medo de lobisomem e impedem de dormir os garotos medrosos, em nome do bicho-papão? Realmente, amigo, este é o momento azado para nos livrarmos dessas frivolidades! – Tal é, mais ou menos, a linguagem que creio ouvir.

“Responderei que, antes de desdenhar as antigas crenças, é preciso que cada um ponha a mão na consciência e se pergunte, com muita franqueza, se ao menos não é tão crédulo quanto algum dos seus antepassados. Vejamos um pouco: Que significa essa voga de magnetizadores e de médiuns, de mesas girantes, falantes e proféticas; de sonâmbulos que vêm através de paredes, que lêem pelo cotovelo, que têm à sua frente aquilo que se diz e se faz a vinte, trinta, quarenta milhas de distância; que lêem e escrevem sem conhecer o á-bê-cê; que, sem saberem uma palavra de Medicina, assinalam, determinam todos os casos patológicos, indicando-lhes as causas e prescrevendo-lhes o remédio nas doses habituais, em todos os termos greco-árabes do vocabulário científico? Que são esses interrogatórios de Espíritos, essas respostas de pessoas mortas e enterradas, essas profecias de acontecimentos futuros? Quem evoca essas sombras? Quem as leva a falar? Quem as faz ver um futuro que não existe? Quem as faz proferir essas blasfêmias contra Deus, contra os santos do céu, contra os sacramentos da Igreja?

“Vejamos, brava gente, falai! Por que essas contorções e esses olhares sombrios? – Ah! quem sabe acabareis me dizendo! Mistérios da Natureza, leis desconhecidas, força da lucidez, sentido oculto no organismo humano! Sutileza do fluido magnético, do influxo nervoso, das ondulações ópticas e acústicas; virtudes secretas que a eletricidade ou o magnetismo excitam no cérebro, no sangue, nas fibras, em todas as partes vitais; potências e forças supremas da vontade e da imaginação.

7 Del Rio, sábio jesuíta, nascido em Antuérpia em 1551 e morto em 1608. O autor faz alusão à sua obra intitulada: *Disquisitiones Magicoe*.

“Meus amigos, isto são ninharias, palavras vazias de sentido, frases ocas, desvios ambíguos, enigmas que nem compreendeis. Toda a diferença que há entre nós e nossos antepassados é que, para negar um mistério, forjamos cem outros, ao passo que para aquela boa gente um gato era um gato e o diabo, o diabo. Temos a pretensão de dotar a Natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios e mais francos diziam, sem muitos rodeios, que havia operações sobrenaturais, tratando-as, muito ingenuamente, de feitiçaria.

“Entretanto, menos versados do que nós no conhecimento dos fenômenos naturais, sem dúvida chegaram algumas vezes a tomar por um efeito prodigioso coisas que não saem da ordem natural, ao passo que os modernos, muito mais esclarecidos, não deixam de olhar bom número de charlatanices dos magnetizadores como efeito misterioso das leis secretas da Natureza, e as operações realmente diabólicas como passes de magia mais ou menos sutis. Mas os homens mais cristãos do velho tempo bem sabiam que os Espíritos maus, evocados por meio de certos sinais, de certas conjurações, de certos pactos, apareciam, respondiam, alucinavam a imaginação, impressionando de mil maneiras e, sobretudo, fazendo o maior mal que podiam aos que com eles conversavam. Confessai, pois, de boa-fé que, mesmo em nossos dias, em maior número que antigamente, temos os nossos necromantes, encantadores e feiticeiros, com a diferença de que os nossos pobres pais tinham horror a esses malefícios, por eles praticados em segredo, nas trevas, nas cavernas, nas florestas, e que muitos se arrependiam, confessavam-se e faziam penitência; hoje, porém, são exercidos nos salões resplandecentes de ouro e luz, na presença de curiosos, de moças, crianças e mães, sem o menor escrúpulo e muitas vezes se deleitando com as superstições da Idade Média.

“Crede-me: em todas as épocas os homens quiseram manter negócios com o demônio, e esse espírito astucioso, embora

os homens não o devolvam aos abismos e com ele mantenham comércio, presta-se a todas as transformações. Nos séculos idólatras ele vivia com os oráculos e as pitonisas; mostrava-se sob a forma de pomba, de pega, de galo, de serpente e cantava versos fatídicos. Na Idade Média apresentava-se pedante aos povos bárbaros e lhes aparecia sob formas terríveis, em monstruosas conjurações. Se, por vezes, ele se encolhia e se utilizava a ponto de se alojar nos cabelos, em garrafinhas, em filtros, que os feiticeiros faziam os amantes beberem, não era sem inspirar grande terror. Hoje, ao contrário, ele se presta à civilização do século; alegre-se no mundo elegante, nos saraus brilhantes; alternadamente, dormindo com os sonâmbulos, dançando com as mesas, escrevendo com as *cestas*⁸. Na verdade não é muito gentil? Tem cuidado de não amedrontar ninguém! Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense, à alemã. É realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos. É a coqueluche dos salões e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável. Vede, tornou-se tão bom apóstolo que conversa de modo muito cortês com aquela senhora que ainda vai à missa e que, se lhe disserdes: – Cuidado! Há coisas que não são naturais e não o poderiam ser; há nisso algo de nebuloso; os bons cristãos não tratam destas coisas – vos riria na cara e responderia com um arzinho biruta: – Que diacho! tudo isto é muito natural; também sou cristã; mas não sou imbecil.

“Enquanto isso, caso se apresente uma ocasião, ela magnetizará sua filha de vinte anos, a fim de fazer com que leia, na sua intuição magnética, fatos distantes e segredos do futuro.

“Deixo-vos a pensar se esse belo diabo de luvas amarelas deve rir no rosto da boa cristã!”

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o julgamento do P. Bresciani: em vão aí procurarão, como nós,

8 **N. do T.:** Grifos nossos. No original, guéridons, mesinhas de centro, mesas de pé-de-galo. Preferimos traduzir por *cestas*, numa alusão às *cestas de bico* utilizadas na psicografia rudimentar do Espiritismo nascente, e que melhor se aplica ao presente caso.

argumentos peremptórios contra as idéias espíritas, uma demonstração qualquer da falsidade dessas idéias. Sem dúvida pensa ele que não vale a pena fazer-lhes uma refutação séria e que basta um sopro para dissipá-las. Todavia, parece-nos que, a exemplo da maioria dos adversários, chega ele a uma consequência inteiramente diferente à esperada, desde que não prova, por A mais B, que isto não é, nem *pode* ser. Como o P. Bresciani é um homem de talento incontestável e de instrução superior, pensamos que, desde que seu objetivo era combater os Espíritos, teve de reunir contra estes as suas armas mais terríveis; donde concluímos que, se não diz muito, é que nada mais tem a dizer; que se não dá outras provas é porque não as tem melhores para opor, sem o que não teria tido o cuidado de deixá-las no fundo do saco. Os mais ridicularizados, em toda essa argumentação, não são os Espíritos, mas o próprio diabo, que é tratado um pouco cavalheirescamente, e não como algo levado a sério. Seríamos induzidos a pensar, diante desse espírito chistoso, que o autor não acredita mais no diabo que nos Espíritos. Se, portanto, como se pretende, o diabo é o agente único de todas as manifestações, forçoso é convir que representa um papel mais divertido que terrível e muito mais capaz de excitar a curiosidade do que amedrontar. Tal é, aliás, até o presente, o resultado de tudo quanto se tem dito e escrito contra o Espiritismo, de modo que mais o têm servido que prejudicado.

Segundo a maioria dos críticos, o fato das manifestações não tem alcance. É um entusiasmo passageiro, um brinquedo de salão e o autor não nos parece tê-lo encarado por um lado mais sério. Se assim é, por que se atormentar? Deixai à moda o cuidado de trazer amanhã outro passatempo, e o Espiritismo viverá o que viveu a mania dos vasos chineses: o espaço de duas estações. Atirando-lhe pedras, dão a impressão de o temer, porquanto não se procura abater senão o que se teme. Se é uma quimera, uma utopia, por que se bater contra moinhos de vento? É verdade, dizem, que o diabo algumas vezes nele se intromete, mas não haveria necessidade de tantos autores, como este, de pintar o

diabo com cores róseas, para despertar em todas as mulheres a vontade de o conhecer.

Terá o P. Bresciani examinado bem a questão? Terá pesado o alcance de todas as suas palavras? Que nos permita a dúvida. Quando ele diz: *Que são essas respostas de pessoas mortas e enterradas? Quem lhes faz ver um futuro que não existe?*, nós nos perguntamos se foi um cristão ou um materialista que escreveu semelhantes coisas, embora o materialista falasse dos mortos com mais respeito. – *Quem os faz proferir essas blasfêmias contra Deus?* Mas onde estão essas blasfêmias? O autor, que atribui tudo ao diabo, as supôs; saberia, ao contrário, que a confiança mais ilimitada na bondade infinita de Deus é a base do Espiritismo; que tudo nele se faz em nome de Deus; que os Espíritos mais perversos não falam dele senão com temor e respeito, e os bons com amor. Que há nisso de blasfematório? – Mas o que pensar dessas palavras: *Temos a pretensão de dotar a Natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios, as tratavam, muito ingenuamente, de feitiçaria.* Assim, é mais sábio atribuir os fenômenos da Natureza ao diabo do que a Deus. Enquanto proclamamos o poder infinito do Criador, o P. Bresciani lhe impõe limites; a Natureza, que resume a obra divina, não tem, e não *pode* ter, outras forças além das que conhecemos. Quanto às que poderiam ser descobertas, é *mais sábio* atribuí-las ao diabo que, assim, seria mais poderoso do que Deus. Há necessidade de indagar de que lado está a blasfêmia ou o maior respeito ao Ser Supremo? – Enfim, o diabo toma todas as aparências: *Na verdade, não é muito gentil? Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense; é realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável.* Não sabemos se os senhores italianos sentir-se-ão envaidecidos por serem tomados como diabos de luvas amarelas. Quem são essas belas senhoras, que fazem *coqueluche* desses gentis demônios e que, ante o caridoso aviso de que há nisso algo de nebuloso, vos riem no rosto, exclamando: *Que diacho! Não sou uma imbecil!* Se é uma figura tomada pela realidade, perguntaremos em que mundo elas se servem de tão belas expressões. Lamentamos

que o autor não tenha haurido seus conhecimentos de Espiritismo numa fonte mais séria, com o que não falaria tão levemente. Enquanto não lhe opuserem argumentos mais peremptórios, seus partidários poderão dormir bem tranquilos.

História de um Danado⁹

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Primeira sessão)

O Sr. de la Roche, membro titular, comunica o seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

Numa pequena casa perto de Castelnaudary ocorriam barulhos estranhos e manifestações diversas que levavam a considerá-la como assombrada por algum mau gênio. Por conta disso, foi exorcizada em 1848 e nela colocaram grande número de imagens de santos. Então, querendo habitá-la, o Sr. D... mandou fazer reparos e retirar as gravuras. Depois de alguns anos, ali morreu subitamente. Seu filho, que a ocupa atualmente, ou pelo menos a ocupava até há pouco, certo dia recebeu, ao entrar num aposento, forte bofetada de mão invisível. Como estivesse completamente só, não duvidou que ela proviesse de uma fonte oculta. Agora não quer mais ficar lá e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, a tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido naquela casa.

Interrogado sobre a possibilidade de evocar o esbofeteador, São Luís respondeu que sim.

Chamado, o Espírito se manifesta por sinais de violência; o médium é tomado de extrema agitação, sete ou oito lápis são quebrados, vários são atirados sobre os assistentes, uma página é rasgada e coberta de traços insignificantes, feitos com cólera. Todos os esforços para o acalmar mostram-se impotentes.

9 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Pressionado a responder às perguntas que lhe são dirigidas, escreve com a maior dificuldade um *não* quase indecifrável.

1. [A São Luís] Teríeis a bondade de nos dar algumas informações sobre este Espírito, já que ele mesmo não pode ou não as quer dar?

Resp. – É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Nós o fizemos vir, mas não nos foi possível obrigá-lo a escrever, malgrado tudo quanto lhe foi dito. Ele tem seu livre-arbítrio; mas, infeliz, dele faz triste uso.

2. Há muito tempo que morreu como homem?

Resp. – Tomai informações; foi ele que cometeu o crime, cuja lenda existe na região.

3. Quem era ele em vida?

Resp. – Sabê-lo-eis por vós mesmos.

4. É ele, pois, que assombra a casa atualmente?

Resp. – Sem dúvida, pois foi assim que vo-lo fiz chamar a atenção.

5. Os exorcismos praticados não foram capazes de expulsá-lo?

Resp. – De modo algum.

6. Ele tem algo a ver com a morte súbita do Sr. D...?

Resp. – Sim.

7. De que maneira contribuiu para essa morte?

Resp. – Pelo pavor.

8. Foi ele quem deu a bofetada no filho do Sr. D...?

Resp. – Sim.

9. Poderia ter dado outra em qualquer um de nós?

Resp. – Mas, certamente; vontade não lhe faltava.

10. Por que não o fez?

Resp. – Não lhe foi permitido.

11. Haveria um meio de o desalojar daquela casa? Qual seria?

Resp. – Se quiserem desembaraçar-se da obsessão de semelhantes Espíritos, será fácil, orando por eles: é o que sempre descaram fazer. Preferem apavorá-los com fórmulas de exorcismos, que os divertem muito.

12. Dando às pessoas interessadas a idéia de orar por esse Espírito, e orando nós mesmos por ele, seria possível desalojá-lo?

Resp. – Sim. Mas notai que eu disse orar, e não *mandar orar*.

13. Esse Espírito é susceptível de melhora?

Resp. – Por que não? Não o são todos, este como os outros? Contudo, é preciso enfrentar dificuldades. Mas, por mais perverso que seja, o bem em retribuição ao mal acabará por tocá-lo. Que orem primeiramente e o evoquem dentro de um mês; assim podereis julgar da mudança que nele se terá operado.

14. Esse Espírito é sofredor e infeliz. Podeis descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta?

Resp. – Está convencido de que deverá ficar eternamente na situação em que se encontra. Vê-se constantemente no momento em que praticou o crime: qualquer outra lembrança lhe foi apagada, e interdita qualquer comunicação com outro Espírito. Na Terra só pode estar naquela casa e, quando no espaço, nas trevas e na solidão.

15. De onde vinha, antes da última encarnação? A que raça pertencia?

Resp. – Havia tido uma existência entre as tribos mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, vinha de um planeta inferior à Terra.

16. Se esse Espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos iria encontrar-se?

Resp. – Vai depender dele e do arrependimento que experimentar.

17. Em sua próxima existência corporal poderia ser o que se chama um homem de bem?

Resp. – Isto seria difícil. O que quer que faça, não poderá evitar uma existência bastante tempestuosa.

Observação – A Sra. X..., médium vidente que assistia à sessão, viu esse Espírito no momento em que queriam que escrevesse: sacudia o braço do médium; seu aspecto era aterrador; vestia uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal.

O Sr. e a Sra. F..., que assistiam à sessão como ouvintes, embora ainda não fossem sócios, desde a mesma noite atenderam à recomendação feita em favor do infeliz Espírito e oraram por ele. Obtiveram várias comunicações, assim como de suas vítimas. Narrá-las-emos na ordem em que foram recebidas e as que, sobre o mesmo assunto, foram obtidas na Sociedade. Além do interesse ligado a essa dramática história, ressalta um ensinamento que a ninguém escapará.

(Segunda sessão – casa do Sr. F...)

18. [Ao Espírito familiar] Podes dizer-nos alguma coisa a respeito do Espírito de Castelnudary?

Resp. – Evoca-o.

19. Será mal?

Resp. – Verás.

20. Que devemos fazer?

Resp. – Não lhe falar, se nada tens a dizer-lhe.

21. Se lhe falarmos para lamentarmos o seu sofrimento, isso lhe fará bem?

Resp. – A compaixão sempre faz bem aos infelizes.

22. Evocação do Espírito de Castelnaudary.

Resp. – Que querem de mim?

23. Nós te chamamos a fim de te sermos úteis.

Resp. – Oh! vossa piedade me faz bem, porque soffro... oh! Como soffro!... Que Deus tenha piedade de mim!... Perdão!... Perdão!

24. Nossas preces ser-te-ão salutares?

Resp. – Sim; orai, orai.

25. Pois bem! Oraremos por ti.

Resp. – Obrigado! Tu, pelo menos, não me amaldiçoas.

26. Por que não quiseste escrever na Sociedade, quando te chamaram?

Resp. – Oh! maldição!

27. Maldição para quem?

Resp. – Para mim, que expio muito cruelmente os crimes nos quais a minha vontade não teve senão uma pequena parte.

Observação – Dizendo que sua vontade só tomou uma pequena parte em seus crimes, quer atenuá-los, como se soube mais tarde.

28. Se te arrependeres, serás perdoado?

Resp. – Oh! jamais!

29. Não desesperes.

Resp. – Eternidade de sofrimentos, tal é a minha sorte.

30. Qual é o teu sofrimento?

Resp. – O que há de mais horrível; não o podes compreender.

31. Oraram por ti desde ontem à noite?

Resp. – Sim; mas sofro ainda mais.

32. Como assim?

Resp. – Sei lá!

Observação – Esta circunstância será explicada mais tarde.

33. Deve-se fazer algo em relação à casa onde te instalaste?

Resp. – Não, não! Não me falem disso... Perdão, meu Deus! Já sofri muito.

34. Tens que permanecer lá?

Resp. – R. A isso estou condenado.

35. Será para que tenhas constantemente teus crimes à vista?

Resp. – É isso.

36. Não desespere; tudo pode ser perdoado com o arrependimento.

Resp. – Não; não há perdão para Caim.

37. Mataste, pois, teu irmão?

Resp. – Somos todos irmãos.

38. Por que quisestes fazer mal ao Sr. D...?

Resp. – Chega! por piedade, chega!

39. Então, adeus; tem confiança na misericórdia divina!

Resp. – Orai.

(Terceira sessão)

40. Evocação.

Resp. – Estou junto de vós.

41. Começas a ter esperança?

Resp. – Sim, meu arrependimento é grande.

42. Qual era o teu nome?

Resp. – Sabereis mais tarde.

43. Há quantos anos sofres?

Resp. – Há 200 anos.

44. Em que época cometeste o crime?

Resp. – Em 1608.

45. Podes repetir as datas para no-las confirmar?

Resp. – Inútil; uma vez é bastante. Adeus; eu vos falarei amanhã. Uma força me chama.

(Quarta sessão)

46. Evocação.

Resp. – Obrigado, Hugo (nome de batismo do Sr. F...).

47. Queres falar do que se passou em Castelnaudary?

Resp. – Não; fazeis-me sofrer quando falais disto. Não é generoso de vossa parte.

48. Sabes muito bem que se falamos disto é com vistas a poder esclarecer a tua posição e não a agravá-la. Assim, fala sem temor. Como foste levado a cometer esse crime?

Resp. – Um momento de alucinação.

49. Houve premeditação?

Resp. – Não.

50. Não pode ser verdade. Teus sofrimentos provam que és mais culpado do que dizes. Já sabes que só pelo arrependimento poderás suavizar a tua sorte, e não pela mentira. Vamos! Sê franco.

Resp. – Bem! Já que é preciso, seja.

51. Foi um homem ou uma mulher que mataste?

Resp. – Um homem.

52. Como causaste a morte do Sr. D...?

Resp. – Apareci-lhe visivelmente e me encontrava de tal forma horrendo que minha simples visão o matou.

53. Fizeste-o de propósito?

Resp. – Sim.

54. Por quê?

Resp. – Ele quis me desafiar; e eu ainda faria outro tanto, se me viesse tentar.

55. Se eu fosse morar naquela casa, tu me farias mal?

Resp. – Oh! não, certamente; tens piedade de mim e me desejas o bem.

56. O Sr. D... morreu instantaneamente?

Resp. – Não; foi tomado pelo medo, mas não morreu senão duas horas depois.

57. Por que te limitaste a dar uma bofetada no Sr. D... Filho?

Resp. – Era demais ter matado dois homens.

(Quinta sessão – Sociedade, 16 de dezembro de 1859)

58. *Perguntas dirigidas a São Luís* – O Espírito que se comunicou com o Sr. e a Sra. F... é realmente o de Castelnauary?

Resp. – Sim.

59. Como pôde comunicar-se a eles tão prontamente?

Resp. – A Sociedade ainda o ignorava. Ele não se havia arrependido; o arrependimento é tudo.

60. São exatas as informações por ele dadas sobre o crime?

Resp. – Compete verificardes e vos entenderdes com ele.

61. Ele disse que o crime foi cometido em 1608 e que tinha morrido em 1659. Há, pois, 200 anos que se encontra naquele estado?

Resp. – Isso vos será explicado mais tarde.

62. Poderíeis descrever seu gênero de suplício?

Resp. – É atroz para ele. Como sabeis, foi condenado a ficar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir o pensamento a outra coisa senão ao crime, sempre diante de seus olhos, e julga-se condenado a essa tortura para todo o sempre.

63. Está mergulhado na escuridão?

Resp. – Escuridão, quando quer afastar-se desse lugar de exílio.

64. Qual o gênero de suplício mais terrível que pode experimentar um Espírito, neste caso?

Resp. – Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes. O próprio que as experimenta teria dificuldade em vos dar uma idéia. Mas a mais horrível é a certeza de ser condenado sem apelação.

65. Ele se acha nessa situação há dois séculos. Avalia o tempo como o fazia quando encarnado, isto é, o tempo lhe parece mais ou menos longo, como quando vivia?

Resp. – Parece-lhe antes mais longo: para ele o sono não existe.

66. Foi-nos dito que, para os Espíritos, o tempo não existia e que, para eles, um século é um ponto na eternidade. Não é o mesmo para todos?

Resp. – Certo que não. Só o é para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de progresso; mas para os Espíritos inferiores o tempo é por vezes muito longo, sobretudo quando sofrem.

67. Esse Espírito é punido muito severamente pelo crime que cometeu. Ora, dissestes-nos que antes desta última existência ele tinha vivido entre as tribos mais bárbaras. Lá deve ter cometido atos no mínimo tão atrozes quanto o último. Foi punido do mesmo modo?

Resp. – Foi menos punido, porque, sendo mais ignorante, compreendia menos o alcance.

Observação – Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme à justiça de Deus, de que as penas são proporcionais, não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade de compreender o mal que faz. Assim, menos grave em aparência, uma falta poderá ser mais severamente punida num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.

68. O estado em que se encontra esse Espírito é o dos seres vulgarmente chamados *danados*?

Resp. – Absolutamente; há outros ainda muito mais horríveis. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, inclusive para crimes semelhantes, pois variam conforme seja o culpado mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este, a casa onde cometeu o crime é seu inferno; outros o trazem em si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que não podem satisfazer.

Observação – Com efeito, vimos avarentos sofrerem à vista do ouro, que se lhes tornara uma verdadeira quimera; orgulhosos,

atormentados pela inveja das honras que viam prestar e que não se dirigiam a eles; homens que haviam mandado na Terra, humilhados pelo poder invisível que os constringia a obedecer e pela visão de seus subordinados, que não mais se dobravam diante deles; ateus sofrendo as angústias da incerteza e se achando num isolamento absoluto em meio à imensidade, sem encontrar nenhum ser que os pudesse esclarecer. Se no mundo dos Espíritos há alegrias para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e as que não são alcançadas pelas leis dos homens, sempre o são pela lei de Deus.

69. Apesar de sua inferioridade, esse Espírito sente os bons efeitos da prece; vimos o mesmo da parte de outros Espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza. Como é possível a Espíritos mais esclarecidos, de inteligência mais desenvolvida, mostrarem completa ausência de sentimentos; sorrirem de tudo quanto há de mais sagrado; numa palavra, de nada se tocarem nem concederem a menor trégua ao seu cinismo?

Resp. – A prece não tem efeito senão em favor do Espírito que se arrepende. Aquele que, impelido pelo orgulho, revolta-se contra Deus e persiste nos seus desvios, ainda os exagerando, como fazem os Espíritos infelizes, sobre estes a prece nada pode nem poderá fazer, a não ser quando um clarão de arrependimento neles se manifestar. Para eles a ineficácia da prece é também um castigo. Ela só alivia os que não estão totalmente endurecidos.

70. Quando vemos um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, há uma razão para nos abstermos de orar por ele?

Resp. – Não, certamente, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar de seu endurecimento e fazer com que nele germinem pensamentos salutareis.

(Sexta sessão – em casa do Sr. F..)

71. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

72. Então, agora podes deixar a casa de Castelnauary quando quiseres?

Resp. – Permitem-me, porque aproveito vossos bons conselhos.

73. Experimentas algum alívio?

Resp. – Começo a ter esperança.

74. Se pudéssemos ver-te, sob que aparência te veríamos?

Resp. – Ver-me-íeis de camisa e sem punhal.

75. Por que não mais terias o punhal? Que fizeste dele?

Resp. – Eu o maldigo; Deus me poupa sua vista.

76. Se o Sr. D... Filho voltasse a casa, ainda lhe farias mal?

Resp. – Não, pois estou arrependido.

77. E se ele ainda te quisesse desafiar?

Resp. – Oh! não me pergunteis isso; não poderia me dominar; isto estaria acima de minhas forças... porque não passo de um miserável.

78. As preces do Sr. D... Filho ser-te-iam mais salutares que as de outras pessoas?

Resp. – Sim, pois a ele é que fiz o maior mal.

79. Muito bem! Continuaremos a fazer por ti o que pudermos.

Resp. – Obrigado. Pelo menos encontrei em vós almas caridosas. Adeus.

(Sétima sessão)

80. *Evocação do homem assassinado.*

Resp. – Eis-me aqui.

81. Que nome tínheis quando vivo?

Resp. – Eu me chamava Pierre Dupont.

82. Qual era a vossa profissão?

Resp. – Era salsicheiro em Castelnau-dary, onde meu irmão mais velho, Charles Dupont, assassinou-me com um punhal, no meio da noite do dia 6 de maio de 1608.

83. Qual foi a causa do crime?

Resp. – Meu irmão pensou que eu queria cortejar uma mulher a quem ele amava, e que eu via com muita freqüência. Mas ele se enganava, porquanto eu jamais havia pensado nisso.

84. Como ele vos matou?

Resp. – Eu dormia; ele me feriu na garganta, depois no coração. Ferindo, despertou-me; quis lutar, mas logo sucumbi.

85. Vós o perdoastes?

Resp. – Sim; no momento de sua morte, há 200 anos.

86. Com que idade ele morreu?

Resp. – Com 80 anos.

87. Então ele não foi punido em vida?

Resp. – Não.

88. Quem foi acusado por vossa morte?

Resp. – Ninguém; naquele tempo de confusão prestava-se pouca atenção a tais coisas; isto de nada adiantaria.

89. Que aconteceu à mulher?

Resp. – Pouco depois foi assassinada em minha casa por meu irmão.

90. Por que a assassinou?

Resp. – Amor frustrado. Ele a tinha desposado antes de minha morte.

(Oitava sessão)

91. Por que ele não fala do assassinato dessa mulher?

Resp. – Porque o meu é o pior para ele.

92. *Evocação da mulher assassinada.*

Resp. – Eis-me aqui.

93. Que nome tínheis em vida?

Resp. – Marguerite Aeder, senhora Dupont.

94. Quanto tempo estivestes casada?

Resp. – Cinco anos.

95. Pierre nos disse que seu irmão suspeitava de relações criminosas entre vós dois. Isso é verdade?

Resp. – Nenhuma relação criminosa existia entre nós. Não acrediteis nisso.

96. Quanto tempo depois da morte de seu irmão Charles ele vos assassinou?

Resp. – Dois anos depois.

97. Que motivo o impeliu?

Resp. – O ciúme e o desejo de ficar com meu dinheiro.

98. Podeis relatar as circunstâncias do crime?

Resp. – Ele me agarrou e feriu-me na cabeça, no ateliê de trabalho, com sua faca de salsicheiro.

99. Como é que não foi perseguido?

Resp. – Para quê? Tudo era desordem naqueles tempos infelizes.

100. O ciúme de Charles tinha fundamento?

Resp. – Sim, mas não o autorizava a cometer semelhante crime, porque neste mundo todos somos pecadores.

101. Há quanto tempo estáveis casada, por ocasião da morte de Pierre?

Resp. – Há três anos.

102. Podeis precisar a data de vossa morte?

Resp. – Sim: 3 de maio de 1610.

103. Que pensaram da morte de Pierre?

Resp. – Fizeram crer em assassinos que queriam roubar.

Observação – Seja qual for a autenticidade desses relatos, que parecem difíceis de controlar, há um fato notável: a precisão e a concordância das datas e de todos os acontecimentos. Por si só essa circunstância é um curioso assunto de estudo, se considerarmos que esses três Espíritos, chamados em intervalos diversos, em nada se contradizem. O que pareceria confirmar suas palavras é que o principal culpado no caso, evocado por outro médium, deu respostas idênticas.

(Nona sessão)

104. Evocação do Sr. D...

Resp. – Eis-me aqui.

105. Desejamos pedir alguns detalhes sobre as circunstâncias de vossa morte. Poderíeis no-los dar?

Resp. – De bom grado.

106. Sabíeis que a casa em que habitáveis era assombrada por um Espírito?

Resp. – Sim; mas eu o quis desafiar e agi mal em fazê-lo. Melhor teria sido orar por ele.

Observação – Por aí se vê que os meios geralmente empregados para nos desembaraçarmos dos Espíritos importunos não são os mais eficazes. As ameaças mais os excitam do que os

intimidam. A benevolência e a comiseração têm mais poder que o emprego de meios coercitivos, que os irritam, ou das fórmulas, de que se riem.

107. Como esse Espírito vos apareceu?

Resp. – À minha chegada em casa ele estava visível e me olhava fixamente; não pude escapar; fui tomado pelo pavor e expirei sob o olhar terrível desse Espírito que eu havia desprezado, e para o qual me havia mostrado tão pouco caridoso.

108. Não poderíeis pedir por socorro?

Resp. – Impossível; minha hora havia chegado, e é assim que eu devia morrer.

109. Que aparência tinha ele?

Resp. – De um furioso disposto a me devorar.

110. Sofrestes ao morrer?

Resp. – Horriavelmente.

111. Morrestes subitamente?

Resp. – Não; duas horas depois.

112. Que reflexões fazíeis, sentindo que morríeis?

Resp. – Não pude refletir; fui tomado de um terror inexprimível.

113. A aparição ficou visível até o fim?

Resp. – Sim; não deixou um só instante o meu pobre Espírito.

114. Quando vosso Espírito se desprendeu percebestes a causa de vossa morte?

Resp. – Não; tudo estava acabado. Só mais tarde compreendi.

115. Podeis indicar a data de vossa morte?

Resp. – Sim: 9 de agosto de 1853. (A data precisa ainda não pôde ser verificada; mas é exata, aproximadamente).

(Décima sessão)

Quando esse Espírito foi evocado, a 9 de dezembro, São Luís aconselhou a chamá-lo novamente dentro de um mês, a fim de julgar do progresso que deveria ter feito no intervalo. Já se pôde julgá-lo, pelas comunicações do Sr. e da Sra. F..., pela mudança operada em suas idéias, graças à influência das preces e dos bons conselhos. Decorrido pouco mais de um mês depois de sua primeira evocação, foi ele novamente chamado à Sociedade, em 13 de janeiro.

116. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

117. Lembrai-vos de ter sido chamado entre nós há cerca de um mês?

Resp. – Como o esqueceria?

118. Por que então não pudestes escrever?

Resp. – Eu não queria.

119. Por que não o queríeis?

Resp. – Ignorância e embrutecimento.

120. Vossas idéias mudaram desde então?

Resp. – Muito. Vários dentre vós foram complacentes e oraram por mim.

121. Confirmais todas as informações que foram dadas por vós e por vossas vítimas?

Resp. – Se não as confirmasse seria dizer que não as havia dado, e fui eu mesmo que as dei.

122. Entrevedes o fim de vossas penas?

Resp. – Oh! ainda não. Já é muito mais do que mereço saber que, graças à vossa intercessão, elas não durarão para sempre.

123. Descrevei a situação em que estáveis antes da nossa primeira evocação. Havereis de compreender que vo-lo pedimos para nossa instrução, e não como um motivo de curiosidade.

Resp. – Como vos disse, não tinha consciência de nada, no mundo, senão do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometi senão para me elevar no espaço, onde tudo à minha volta era solidão e obscuridade. Não vos poderia dar uma idéia disto; jamais o compreendi. Desde que me elevava acima do ar, tudo era negro e vazio; não sei o que era. Hoje experimento muito mais remorso, mas, como vos provam as comunicações, já não sou constrangido a ficar naquela casa fatal. Permitem-me vagar na Terra e procurar esclarecer-me por minhas observações. Agora compreendo melhor a enormidade dos meus crimes. Se, por um lado, sofro menos, por outro aumentam minhas torturas pelo remorso; mas, pelo menos, tenho esperança.

124. Se tivésseis que retomar uma existência corpórea, qual escolheríeis?

Resp. – Ainda não vi suficientemente, nem refleti bastante para o saber.

125. Encontrais as vossas vítimas?

Resp. – Oh! que Deus me guarde!

Observação – Sempre foi dito que a visão das vítimas é um dos tormentos dos culpados. Este ainda não as viu, porque estava no isolamento e nas trevas; era um castigo. Mas ele teme essa visão, e talvez aí esteja o complemento de seu suplício.

126. Durante vosso longo isolamento e, pode-se dizer, vosso cativeiro, sentistes remorsos?

Resp. – Nem um pouco, e é por isso que sofri tanto. Foi somente quando comecei a experimentá-los que, mau grado meu, foram provocadas as circunstâncias que levaram à minha evocação, à qual devo o começo de minha liberdade. Obrigado, pois, a vós, que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

Observação – Esta evocação não é obra do acaso. Como devia ser útil a esse infeliz, os Espíritos que velavam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram chegado o momento de lhe prestar um socorro eficaz, e então o trouxeram às circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

A propósito, perguntaram o que teria sido dele, se não pudesse ter sido evocado, como ocorre com todos os Espíritos sofredores que também não o podem ser, e nos quais não se pensa. A isto foi respondido que os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis. A evocação pode ser um meio de os assistir, mas, por certo, não é o único. Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas também devem exercer sua influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

Comunicações Espontâneas

ESTELLE RIQUIER

(Sociedade, 13 de janeiro de 1860)

O tédio, a mágoa, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal, embelezado pela presença de dois anjinhos descidos do céu. Arrastada pelos atalhos do vício, por um egoísmo, um orgulho e uma vaidade desenfreados, mulher sem coração, conspirarei contra o santo amor daquele que Deus e os homens me haviam dado por sustentáculo e por companheiro na vida. Ele

buscou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado o meu covarde abandono e a sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida. A mulher adúltera tinha amado, e Madalena se tinha arrependido. Mas, eu! – miserável – vendi a preço de ouro um falso amor que jamais senti. Semeei o prazer a mancheias e não recolhi senão o desprezo. A miséria horrível e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tinha tornado odiosa... e não me arrependi! Miserável e infame, muitas vezes empreguei, com fatal sucesso, infelizmente, minha infernal influência como Espírito, impelindo ao vício pobres mulheres que via virtuosas e gozando a felicidade que eu havia esmagado com os pés. Perdoar-me-á Deus algum dia? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

Observação – Tendo esse Espírito se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. Em que época morrestes?

Resp. – Há cinqüenta anos.

2. Onde moráveis?

Resp. – Em Paris.

3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido?

Resp. – À classe média.

4. Com que idade morrestes?

Resp. – Trinta e dois anos.

5. Que motivos vos levaram a comunicar-vos espontaneamente conosco?

Resp. – Permitiram-me para vossa instrução e para exemplo.

6. Tínheis recebido certa educação?

Resp. – Sim.

7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e do vosso arrependimento. Rogamos a ele estender a sua misericórdia sobre vós, enviando Espíritos bons para vos esclarecer sobre os meios de reparar o vosso passado.

Resp. – Oh! obrigada! obrigada! Que Deus vos ouça!

Observação – Várias pessoas nos informaram que consideraram um dever orar pelos Espíritos sofredores que assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos para que este pensamento caridoso se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se haviam interessado e que lhes vieram agradecer.

O TEMPO PRESENTE

(Sociedade, 20 de janeiro de 1860)

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo. É que o próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em via de realização, para abrir-se a era de renovação e de aperfeiçoamento que predizem vossos guias espirituais. Com efeito, se lançardes os olhos, fora das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis sem nenhuma hesitação os sinais precursores que vos provarão de maneira incontestável que os tempos preditos são chegados. Estabelecendo-se entre todos os povos, as comunicações derrubam as barreiras materiais; os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos apagar-se-ão rapidamente e o reino da fraternidade finalmente se estabelecerá, de maneira sólida e durável. Observai, desde agora, os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomar – coisa incrível para vós – a iniciativa das reformas; e as reformas que espontaneamente partem do alto são muito mais rápidas e duradouras do que as que

procedem de baixo e são arrancadas à força. Apesar dos preconceitos da infância e da educação, em que pese o culto da saudade, pressenti a época atual. Estou feliz por isto e mais feliz ainda por vim dizer-vos: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; trabalhai, sobretudo, por vosso melhoramento pessoal e fruireis, na vossa próxima existência, de uma felicidade que vos é tão difícil imaginar, quanto a mim de vo-la fazer compreender.

Chateaubriand

OS SINOS

(Obtida pelo Sr. Pécheur, 13 de janeiro de 1860)

Podes dizer-me por que sempre gostei de ouvir o som dos sinos? É que a alma do homem, que pensa e sofre, busca sempre se desprender quando experimenta essa felicidade muda, que em nós desperta vagas lembranças de uma vida passada. É que tal som é uma tradução da palavra do Cristo, que vibra no ar há dezoito séculos: é a voz da esperança. Quantos corações consolou! Quanta força deu à Humanidade crente! Essa voz divina apavorou os grandes da época: eles a temeram, porque a verdade que haviam abafado os fez tremer. O Cristo a mostrava a todos; mataram o Cristo, mas não a idéia. Sua palavra sagrada tinha sido compreendida; era imortal e, no entanto, quantas vezes a dúvida se insinuou em vossos corações! Quantas vezes o homem acusou a Deus de ser injusto! Exclamava: Meu Deus, que fiz eu? A desgraça marcou-me no berço? Estou, pois, destinado a seguir esta via que me dilacera o coração? Parece que uma fatalidade se liga a meus passos; sinto que as forças me abandonam; vou me aniquilar nesta vida.

Neste momento, Deus faz penetrar em vosso coração um raio de esperança; uma mão amiga vos retira a venda do materialismo, que vos cobre os olhos; uma voz dos céus vos diz: Olha no horizonte aquele foco luminoso: é um fogo sagrado que emana de Deus; essa chama deve iluminar o mundo e o purificar; deve fazer penetrar sua luz no coração do homem e dele expulsar

as trevas que obscurecem seus olhos. Alguns homens pretenderam vos trazer a luz; entretanto, não produziram senão um nevoeiro, que fez perder-se o reto caminho.

Não sejais cegos, vós a quem Deus mostra a luz. É o Espiritismo que vos permite levantar a ponta do véu que cobria o vosso passado. Olhai agora o que fostes e julgai. Curvai a cabeça ante a justiça do Criador. Rendei-lhe graças por vos dar coragem para continuar a prova que escolhestes. Disse o Cristo: Aquele que usar a espada morrerá pela espada. Esse pensamento, inteiramente espírita, encerra o mistério de vossos sofrimentos. Que a esperança e a bondade de Deus vos dê a coragem e a fé; escutai sempre esta voz que vibra em vossos corações. Cabe a vós compreender, estudar com sabedoria, elevar vossa alma em pensamentos fraternos. Que o rico estenda a mão ao que sofre, pois a riqueza não lhe foi dada para os prazeres pessoais, mas para que seja o seu dispensador; e Deus lhe pedirá contas do uso que dela tiver feito. A única riqueza que Deus reconhece são as vossas virtudes; a única que levareis ao deixar este mundo. Deixai falar esses pretensos sábios, que vos chamam de loucos. Amanhã – quem sabe? – talvez vos peçam para orar por eles, pois Deus os julgará.

Tua filha, que te ama e ora por ti

CONSELHOS DE FAMÍLIA

Continuação. (Ver o nº de janeiro – Lido na Sociedade a 20 de janeiro de 1860)

Meus caros filhos: Em minhas instruções precedentes aconselhei-vos a calma e a coragem; entretanto, nem todos as mostrais quanto deveríeis. Pensai que o lamento jamais acalma a dor: ao contrário esta tende a aumentar. Um bom conselho, uma boa palavra, um sorriso, um simples gesto, dão força e coragem. Uma lágrima amolece o coração, em vez de endurecê-lo. Chorai, se a isso vos impele o coração, preferencialmente nos momentos de solidão, e não em presença dos que necessitam de toda a sua força

e de toda a sua energia, que uma lágrima ou um suspiro podem diminuir ou enfraquecer. Todos necessitamos de encorajamento e nada é mais propício a nos encorajar que uma voz amiga, um olhar benevolente, uma palavra vinda do coração. Quando vos aconselhei a vos reunirdes, não foi para que reunísseis vossas lágrimas e amarguras; não era para vos excitar a prece, que não prova senão uma boa intenção, mas, sim, para que unísseis vossos pensamentos, *vossos esforços* mútuos e coletivos; para que mutuamente vos désseis bons conselhos e procurásseis, em comum, não o meio de vos entristecer, mas a marcha a seguir para vencer os obstáculos que se apresentam diante de vós. Em vão um infeliz que não tem pão se lançará de joelhos para rogar a Deus o alimento que não cairá do céu. Que ele trabalhe e, por pouco obtenha, isso valerá mais do que todas as suas preces. A prece mais agradável a Deus é o trabalho útil, seja qual for. Eu o repito: A prece prova uma boa intenção, um bom sentimento, mas não pode produzir senão um efeito moral, desde que é toda moral. É excelente como um consolo da alma, porquanto a alma que ora sinceramente encontra na prece um alívio às suas dores morais: fora destes efeitos e dos que decorrem da prece, como já vos expliquei em outras instruções, nada esperéis, pois sereis iludidos em vossa esperança.

Seguí, pois, exatamente os meus conselhos. Não vos contenteis em pedir a Deus que vos ajude: ajudai-vos a vós mesmos, porque assim provareis a sinceridade de vossa prece. Seria muito cômodo, na verdade, que bastasse pedir uma coisa nas preces para que ela vos fosse concedida! Seria o maior estímulo à preguiça e à negligência das boas ações. Eu poderia estender-me ainda mais a este respeito, mas seria demasiado para vós. Vosso estado de adiantamento não o comporta. Meditai sobre esta instrução, como sobre as precedentes: elas são susceptíveis de ocupar por muito tempo vossos Espíritos, pois contêm em germe tudo quanto vos será desvendado no futuro. Segui meus conselhos anteriores.¹⁰

Allan Kardec

10 N. do T.: O Espírito que ditou a mensagem não declinou o nome.